

O mercado municipal e o crescimento da cidade de Taubaté, SP: uma análise do período de 1800 a 1950

The city market and the growth of Taubate city SP: an analysis from 1800 to 1950 period

Cláudia Maria de Moraes Santos

Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, SP, Brasil
clagimoraes@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-0009-1657>

Sandra Maria Fonseca da Costa

Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, SP, Brasil
sandra@univap.br

 <https://orcid.org/0000-0003-0540-228X>

Rafael Cunha Ferro

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP, Brasil
rafacferro@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-9063-8395>

Valéria Regina Zanetti

Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, Brasil
valzanetti.zanetti@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-2968-9342>

RESUMO

Os mercados municipais surgiram com o propósito de reorganizar o comércio de produtos alimentícios, marcando significativamente importantes mudanças no espaço da cidade e na vida da população. Neste sentido, este artigo objetivou discutir as transformações ocorridas na cidade de Taubaté, localizada na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPL), SP, e a sua relação com o mercado municipal local, bem como realizar uma reflexão sobre a importância deste lugar no processo de construção da cidade, por meio da análise do contexto histórico do crescimento da cidade. Para o desenvolvimento desta pesquisa, adotou-se um recorte temporal, entre os anos de 1800 e 1950, em uma perspectiva geo-histórica, a fim de refletir sobre a relação deste lugar com o crescimento observado. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa e caráter exploratório, analisando a implantação, permanência e transformações arquitetônicas, bem como a organização espacial, que perpassam o mercado nas diversas fases do desenvolvimento do município. Os mercados municipais sempre se apresentaram como intermediadores entre o campo e a cidade, e entre cidades, por serem caracterizados como centros de comércio resultantes de cruzamentos de rotas comerciais, que auxiliaram na construção coesa da identidade cultural das cidades. O mercado de Taubaté acompanhou o processo de crescimento do município, em alguns momentos conectado ao processo; em outros, se distanciando da dinâmica da cidade. Entretanto, foi uma referência regional, que contribuiu para o crescimento da cidade, não apenas porque o comércio que lá ocorria impulsionava a sua expansão, mas também por ser rota de acesso à região do Vale do Paraíba.

Palavras-chave: Feira livre; Lugar; Desenvolvimento urbano; Município; Geo-história.

ABSTRACT

Municipal markets emerged with the purpose of reorganizing the commerce of food products, significantly marking important changes in the space of the city and in the life of the population. In this sense, this paper aimed to discuss the changes that have taken place in the city of Taubaté, located in the Metropolitan Region of Vale do Paraíba and Litoral

Norte (RMVPL), SP, and its relationship with the local municipal market, as well as to reflect on the importance of this place in the process of construction of the city, through the analysis of the historical context of the growth of the city. For the development of this research, a time frame was adopted, between the years 1800 to 1950, in a geohistorical perspective. in order to reflect on the relationship of this place with this growth. Therefore, a qualitative approach and exploratory research was carried out, analyzing the implantation, permanence, and architectural transformations, as well as the spatial organization that permeate the market in the different phases of the development of the municipality. Municipal Markets have always presented themselves as a connection between the countryside and the city, and between cities, as they are characterized as trade centers resulting from the intersection of trade routes and helped in the cohesive construction of the cities' cultural identity. The Taubaté market followed the city's growth process, at times connected to the process, at others, distancing itself from the dynamics of the city. However, it was a regional reference, which contributed to the growth of the city, not only because the commerce that took place there, boosted its expansion, but also because it was an access route to the Vale do Paraíba region.

Keywords: Free fair; Place; Urban development; Municipality; Geohistory.

1. INTRODUÇÃO

Desde o princípio, as cidades desenvolveram uma relação próxima com a produção e troca de produtos agrícolas. Assim, os “excedentes agrícolas permitiram o desenvolvimento de outras funções, como aquelas relacionadas à segurança, à administração e ao comércio” (ALVES; RIBEIRO FILHO, 2011).

O comércio, considerado uma forma de abastecimento, assumiu uma importância fundamental ao longo do desenvolvimento humano. Melo (2016) explica que os

primeiros traços de civilização, constituídos por pequenos aglomerados urbanos, evoluem para cidades populosas, densas e dependentes de serviços considerados básicos, o que faz com que as estruturas de Mercado, como lugares de abastecimento, se assumam como equipamentos-âncora em qualquer envolvente (MELO, 2016, p.3).

Pintaudi (2006) esclarece que as feiras livres irregulares, muitas vezes incipientes, que ocorriam entre o século XVI e meados do século XIX, podem ser consideradas como o início dos mercados municipais dos dias atuais, pois eram os locais onde ocorriam as vendas e trocas de excedentes da produção agrícola e de animais. Esses espaços de trocas ocorriam normalmente a céu aberto e sem uma legislação específica.

Com o avanço do capitalismo industrial e a consequente aglomeração e aumento populacional, advindos do movimento de migração da população do meio rural para o urbano e da modernização dos meios de transporte, o meio rural foi colocado em situação de subordinação ao meio urbano a fim de suprir suas necessidades, especialmente em relação ao abastecimento alimentar (SANTOS, 2013). A partir desse cenário, os mercados municipais passaram a desempenhar um papel fundamental na organização das cidades.

De acordo com França e Rezende (2012), os mercados públicos foram considerados, muitas vezes, protagonistas e participantes nos processos de transformações urbanísticas das cidades. Para Weber (1973, p. 69), “uma das características da cidade é a existência de um mercado, no entanto, não é qualquer mercado que transforma a localidade na qual ele existe em cidade”. Tradicionalmente, o mercado é um importante ponto de referência sociológico, lugar onde acontecem as aquisições de mercadorias e a troca de conhecimentos. Ao mesmo tempo que é um espaço de comércio, o mercado é também um lugar de festas, encontros e sociabilidades (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996). Além de se caracterizar como um espaço social, o mercado se materializa nas cidades por edifícios definidos, lugar onde circulam pessoas, objetos, signos e símbolos (LEFEBVRE, 2000). Vargas (2001) explica que os mercados, desde o início, eram locais onde a troca se realizava e que possuíam um papel importante na atividade econômica e na vida social.

Muitos dos mercados tiveram sua gênese nas feiras que terminaram perpetuando-se, materializando-se em construções porque a reprodução da vida na cidade e/ou região necessitava de um contínuo suprimento de víveres. A partir do século XIX, momento em que as comunicações a maiores distâncias se tornam mais corriqueiras, através de ferrovias, os locais de vendas sofrem alterações significativas através da concentração e centralização do capital privado, principalmente (PINTAUDI, 2006, p. 84).

De centros de comercialização e encontro dos moradores de uma cidade, esses locais se depreciam, ao longo do século XX, principalmente após a II Grande Guerra, quando o sistema capitalista avança em direção à financeirização e os centros de consumo se expandem, porque deixam de ser os centros de compra. Entretanto, esses espaços, por fazerem parte na história da cidade,

“flexibilizam-se” e se adaptam a um novo momento da história, estabelecendo-se um processo de recuperação desses lugares (PINTAUDI, 2006).

Assim, no final do século XX, as revitalizações desses edifícios se demonstraram necessárias, mas levantando discussões sobre a preservação/tombamento de suas fachadas, com o intuito de não descaracterizar esses patrimônios arquitetônicos. À medida que as transformações foram ocorrendo em seus edifícios, os mercados municipais seguiam a tendência da globalização, com o oferecimento de novos produtos, importados ou advindos de outras regiões do país, e novas modalidades de vendas (PINTAUDI, 2006). Atualmente, vários são os mercados que se tornaram atrativos turísticos e mantêm suas características arquitetônicas originais. No entanto, outros desses prédios foram totalmente descaracterizados ou demolidos, para dar vazão aos projetos de modernidade dos espaços públicos. Nesse sentido, Pintaudi (2006, p.82) comenta que

Quando esse costume (**do mercado**) sofre uma ruptura com a presença de outras formas de abastecimento, mais modernas, surgem como possibilidades a metamorfose do mercado público, que passa a ser apropriado como lugar “tradicional”, onde se pretende produzir uma “identidade” para a sociedade, ou então o desaparecimento dessa forma da paisagem urbana e, conseqüentemente, do imaginário (grifo nosso).

Esses mercados, que carregam valores e concentram formas específicas de saber e de fazer locais, ficam subordinados à lógica urbana praticada pelas ações do poder público, que podem revitalizar ou, dependendo do interesse, eliminar esses lugares, cuja manutenção e a materialização, sabe-se, dependem dos interesses de grupos que representem a dinâmica econômica local.

Pereira (2018, p.13) explica que os mercados públicos podem ser considerados uma forma comercial caracterizada como “comércio tradicional, por serem, temporalmente, mais antigos e pelas suas formas de funcionamento e organização socioespacial”. Entretanto, o autor comenta que estes centros de comércio, em alguns momentos, foram considerados “velhas formas comerciais”, e em outro contexto, representavam o que de mais moderno existia em termos arquitetônicos, da dinâmica social na/da cidade, da experiência urbana, da reprodução da vida social (PEREIRA, 2018, p.14).

Pereira (2018, p.117) reforça que os mercados públicos são espaços comerciais de suma importância para as cidades, pois passaram, juntamente com essas cidades, “por várias transformações ao longo da história urbana”. No caso do Brasil, os mercados municipais merecem ser destacados, não só por seu importante papel econômico e social, mas também porque enriqueceram “o cenário existente com prédios singelos de alvenaria e madeira, com simples coberturas e pátios fechados” (MARX, 1980, p.82).

Pintaudi (2006, p. 97) e Ferreira, Marques e Guerra (2015, p. 76) afirmam que os mercados, em sua origem, estabelecem-se como pontos de encontros das cidades, dinamizam o espaço, e constituem-se em experiências de sociabilização. Muitas vezes, possuem uma longa história nos espaços urbanos e acompanham o seu crescimento econômico, “promovendo a animação urbana” (FERREIRA; MARQUES; GUERRA, 2015, p. 87).

Considerando a importância social, econômica e urbanística dos mercados municipais, este artigo tem como objetivo oferecer uma discussão sobre as transformações ocorridas na cidade de Taubaté, localizada na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPL) e a sua relação com o mercado municipal local, em uma perspectiva geo-histórica. Pretendeu-se, assim, refletir sobre a importância desse lugar no processo de construção da cidade, por meio da análise do contexto histórico do crescimento da cidade. O presente trabalho pretende ser uma contribuição para o estudo dessa questão, por meio da recomposição cartográfica, apresentando algumas evidências da dinamização urbana de Taubaté em função da existência do mercado municipal.

O artigo se organiza em cinco seções: uma introdução, com a contextualização do problema; a seção metodológica, que explica os procedimentos utilizados pela pesquisa; a terceira seção retrata

uma revisão de literatura sobre os mercados e sua importância no processo de estruturação do intraurbano; a quarta seção apresenta o mercado de Taubaté e sua relação com o crescimento da cidade; na quinta e última seção, procura-se fazer considerações finais sobre a abordagem realizada no artigo.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa e de caráter exploratório, e tem como objetivo apresentar uma discussão sobre o crescimento da cidade de Taubaté e a inserção do mercado local nesse processo, em uma perspectiva geo-histórica, a fim de refletir sobre a relação entre a existência do lugar e o crescimento do município em que se insere. Para tanto, foi realizada uma análise sobre a implantação, permanência e transformações arquitetônicas, bem como a organização espacial, que perpassam o mercado nas diversas fases do desenvolvimento do município.

Optou-se por trabalhar com o mercado de Taubaté porque esse espaço teve uma história de revitalização e de simbiose com a cidade, não verificadas em outros municípios da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN).

O estudo se pautou pela análise documental de imagens e fontes históricas oficiais, como Atas e Boletins Legislativos da Câmara do Município, jornais de época (disponíveis na Biblioteca Nacional), fotografias e imagens dos acervos do Museu da Imagem e Som de Taubaté (MISTAU), datadas entre o fim do século XIX e início do século XX. Foram consultados documentos originais impressos em jornais (“O Taubateense”, “O Paulista”, “O Noticiarista”, “Diário de Taubaté” e “A Voz do Vale”), revistas, panfletos e atas legislativas, além de documentos visuais, como fotografias registradas em campo e mapas da cidade em diferentes momentos.

Essas informações propiciaram compreender a localização do mercado e como a cidade se aproximou, fisicamente, do lugar onde esse prédio estava instalado, bem como avaliar sua importância no crescimento urbano.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando que o município de Taubaté se estruturou a partir de sua relação com o contexto regional, neste caso o Vale do Paraíba Paulista, optou-se por apresentar um contexto da situação dos mercados nessa região, que passou a ser denominada como Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN), desde 2012. A partir dessa contextualização, apresentam-se a cidade de Taubaté e o mercado público.

3.1. As diversas fases do desenvolvimento urbano na RMVPLN

A atual Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN) estruturou-se primeiramente por meio das atividades agrárias e, posteriormente, após a década 1970, pela industrialização (LENCIONI, 2004). Criada em 2012, a RMVPLN situa-se entre as duas Regiões Metropolitanas de maior relevância nacional: São Paulo e Rio de Janeiro. A região é composta por 39 municípios e, de acordo com a Lei Complementar nº 1.166 de 9 de janeiro de 2012, está dividida em cinco sub-regiões: Sub-região 1: Caçapava, Igaratá, Jacareí, Jambeiro, Monteiro Lobato, Paraibuna, Santa Branca e São José dos Campos; Sub-região 2: Campos do Jordão, Lagoinha, Natividade da Serra, Pindamonhangaba, Redenção da Serra, Santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí, São Luiz do Paraitinga, Taubaté e Tremembé; Sub-região 3: Aparecida, Cachoeira Paulista, Canas, Cunha, Guaratinguetá, Lorena, Piquete, Potim e Roseira; Sub-região 4: Arapeí, Areias, Bananal, Cruzeiro, Lavrinhas, Queluz, São José do Barreiro e Silveiras; Sub-região 5: Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba.

De acordo com Reis (2006) e Müller (1969), a região se estruturou em torno das atividades agrárias e alcançou importância econômica no final do século XIX, em função da economia cafeeira. Nesse sentido, o processo de urbanização se deu ao longo de três séculos, sendo considerada uma das regiões mais antigas do Estado de São Paulo. Para Müller (1969), os períodos de desenvolvimento dos núcleos urbanos nessa área, partindo dos períodos históricos, foram: fase do devassamento (século XVII); ciclo do ouro (século XVIII) e o ciclo do café (século XIX), e por fim, a industrialização no século XX.

Müller (1969) comenta que, com a chegada da cultura do café, a região foi sendo densamente ocupada. Esse aumento populacional se deu graças às constantes levadas de população, principalmente de Minas Gerais, que se deslocaram para a região em busca de trabalho. Inserido nesse contexto, os mercados municipais surgiram em diversas cidades como pontos de encontro e trocas de mercadorias, sendo que o surgimento deles está atrelado ao período de produção máxima do café (1836-1886). Os mercados, assim, se consolidaram não apenas como locais de venda de mercadorias oriundas da produção do campo, mas como lugares que, além das trocas econômicas e de abastecimento para a população, proporcionavam a convivência, as trocas sociais e o acesso às informações da cidade. Marx (1980) explica que “o mercado, a feira, o negócio ambulante tiveram, e têm, nas praças o lugar espacial, historicamente, próprio para sua prática”.

Esses espaços surgiram como pontos de venda e troca de mercadorias, onde se negociavam as sacas excedentes da produção do café. A cultura do café propiciou um povoamento intenso nos meados do século XIX, e alguns municípios, entre eles Lorena, Taubaté e São José dos Campos, apresentaram uma elevação de sua população, como resultante da expansão dessa economia (RICCI, 2006).

Esse aumento populacional contribuiu para a ampliação do consumo do mercado interno, e os mercados municipais surgiram como locais de venda para atender a essa demanda. Martins (2010) relata que a existência de um mercado no município significava a tentativa de reorganizar a circulação dos produtos e das pessoas, nas áreas urbanas em crescimento. De acordo com informações obtidas em sites dos diferentes municípios da RMVPLN, a construção do primeiro mercado municipal ocorreu no ano de 1860, na cidade de Santa Branca. Somente 27 anos depois, foi inaugurado o estabelecimento de Paraibuna, no ano de 1887 (**Figura 1**).

Segundo os dados, foi identificada a presença de mercado municipal em 12 municípios da região estudada (31% dos municípios), nas cidades (sedes administrativas) de Santa Branca (1860), Paraibuna (1887), Taubaté (1889), Guaratinguetá (1889), Jambeiro (1896), Pindamonhangaba (1900), São Luiz do Paraitinga (1902), Jacareí (1906), Cunha (1913), São José dos Campos (1923), Cruzeiro (1954) e São Bento do Sapucaí (2008), este último não considerado em nossas estatísticas porque está fora do período de análise deste artigo.

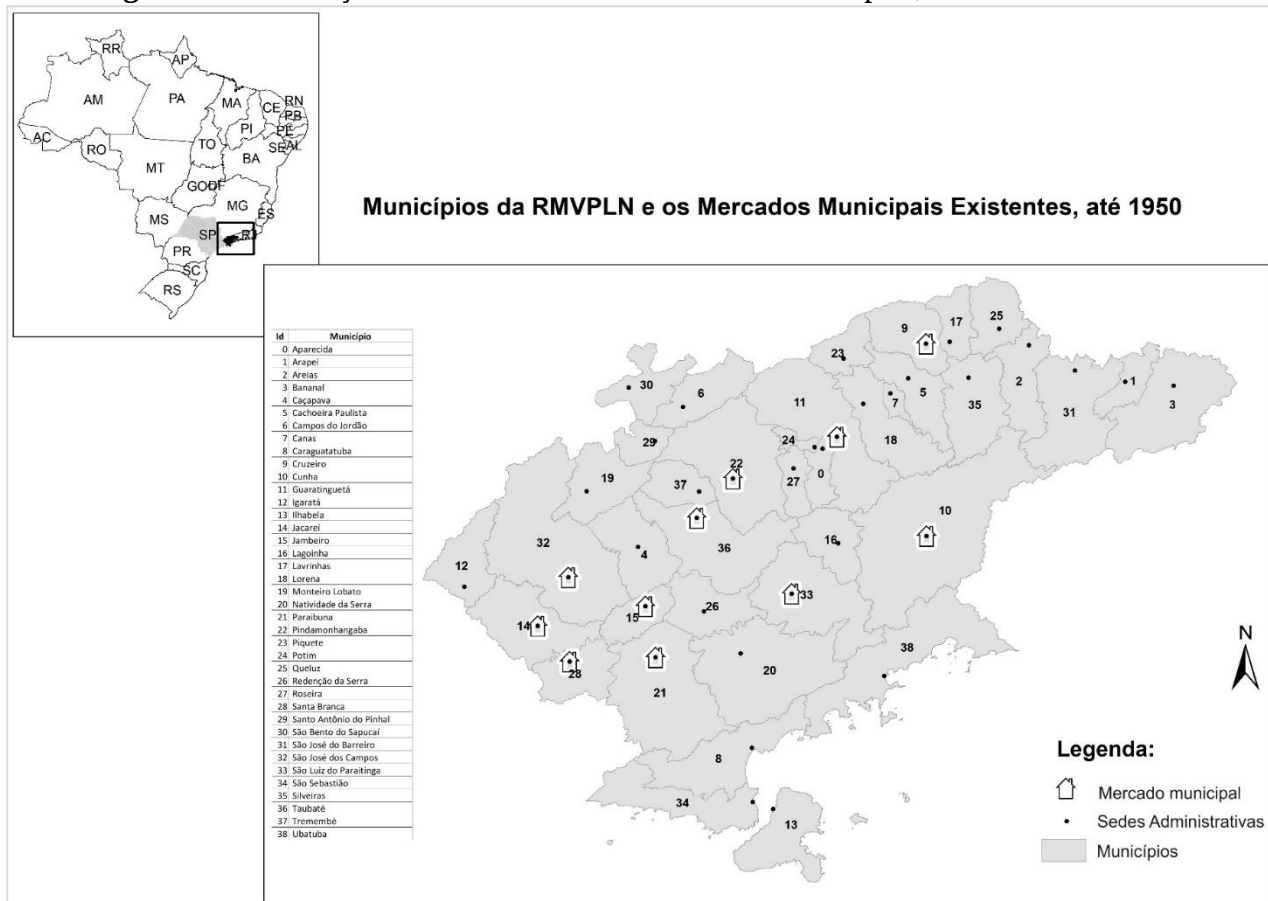
No período que corresponde a 1887 a 1913, 8 novos mercados municipais foram inaugurados nas cidades de Paraibuna, Taubaté, Guaratinguetá, Jambeiro, Pindamonhangaba, São Luiz do Paraitinga, Jacareí e Cunha. Muitos desses mercados ainda existem e fazem parte do cotidiano das cidades. Na RMVPLN, foram criados, até os anos 1950, 11 mercados municipais. A construção do primeiro desses é datada no ano de 1860, na cidade de Santa Branca, e somente 27 anos depois foi inaugurado o próximo estabelecimento, em Paraibuna, no ano de 1887.

Esses mercados surgiram com o intuito de reorganização do comércio de alimentos local, que anteriormente era feito, de acordo com Müller (1969), da seguinte forma:

O abastecimento alimentar, as populações contavam com as "quitandas", feiras semanais realizadas nas praças das cidades, ou procuravam, diretamente, os ranchos das tropas que traziam mantimentos; a carne era fornecida por particulares autorizados a abater animais, pois que os matadouros para fornecimento regular aos açougues só muito lentamente foram sendo construídos (MÜLLER, 1969, P. 61).

Com o passar dos anos, houve uma necessidade de readequação dos espaços no cenário decorrente da urbanização da RMVPLN, o que fez com que os mercados municipais da região se ajustassem ao novo cotidiano do período da industrialização. A partir do século XX, as cidades de Taubaté, Jacareí, Guaratinguetá e Paraibuna reformaram a estrutura física dos mercados. Nesse mesmo período, vale ressaltar que Taubaté e Jacareí foram os municípios que mais investiram nas reformas dos mercados municipais.

Figura 1: Localização da RMVPLN e dos mercados municipais, até a década de 1950



Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e de informações coletadas nos sites das prefeituras da RMVPLN, 2018.

O Mercado Municipal de Taubaté surgiu no ano de 1889. A cidade, favorecida por esse espaço, proporcionou à população um local onde o intercâmbio das mercadorias passou a ocorrer regularmente e não mais de forma ocasional, como era feito nas feiras livres do período da subsistência (WEBER, 1973).

3.2. O Mercado Municipal de Taubaté e o Crescimento da Cidade de Taubaté

O município de Taubaté localiza-se na RMVPLN, a qual é marcada pela história do tropeirismo, que contribuiu na constituição de diferentes mercados municipais, locais onde as tropas paravam para alimentar os animais e para o reabastecimento e venda de mercadorias.

Alguns documentos históricos (Jornal “Diário de Taubaté”, Voz: especial mercadão) apontam que um dos mercados mais antigos e maiores da região seria o Mercado Municipal de Taubaté, então chamado de Velho Mercado, inaugurado no ano de 1860. Sua arquitetura era composta por oito cômodos, atuais “boxes”, onde feirantes faziam a exposição de seus produtos. É interessante ressaltar

a disponibilidade de água e de estalagem para animais de carga, no prédio do século XIX. Na **figura 2** é apresentada uma fotografia do mercado no final do século XIX. Os produtos em destaque na fase inicial desse comércio eram peixes, provavelmente de água doce, cereais e fumo (REIS, 2013). Nesse momento, o município de Taubaté possuía 20.773 habitantes, sendo 62% homens e 48% mulheres, segundo a Synopse do Recenseamento, de 31 de dezembro de 1890 (BASSANEZI, 1998).

Figura 2: Prédio do Mercado Velho construído em 1860



Mercado Municipal de Taubaté, construído em 1860 e substituído pelo novo mercado em 1915. Ao lado, um dos dois famosos quiosques que existiram na cidade.

Fonte: Prefeitura Municipal de Taubaté, 2018 (a).

Em documento distribuído pelo Conselho Municipal de Turismo de Taubaté (COMTUR), indica-se que a localização do mercado, no início da então vila, foi derivada das rotas de comércio que abasteciam a região do Vale do Paraíba e litoral norte paulista, principalmente São Luiz do Paraitinga e Ubatuba, por possuírem um porto de comércio internacional. Em princípio, o comércio e trocas ocorriam ao ar livre e, mais tarde, foi construído um local adequado para o comércio.

O mercado de Taubaté tem suas origens ligadas à Banda do Tanque, que abrangia, então, o Largo do Mercado e o Ribeirão Correia. Era na “banda do Tanque” que se achava localizado o reservatório de água que abastecia a população da Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté (PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUBATÉ, s/d).

Taubaté, então cidade, ainda não se mostrava muito dinâmica, como foi observado por Soto (2001), a qual menciona que, enquanto a economia do café florescia nas fazendas, “a cidade de Taubaté, que ascendeu a tal categoria em 1842, jazia aparentemente imóvel se comparada com a rapidez das mudanças que se operavam no meio rural” (SOTO, 2001, p. 81).

À medida que a economia cafeeira se dinamizou, a cidade também cresceu, até o final do século XIX. Soto (2001, p.83) comenta que,

(...) em 1853, a cidade contava com 800 prédios urbanos, que passaram a 1.000, além dos 100 terrenos em 1877; aumentaram para 1.400 casas em 1887 e para 1.573 prédios e 29 ruas e travessas em 1889. Por esses cálculos estima-se a amplitude do crescimento urbano acompanhando a tendência populacional do município que em 1900 alcançou os 36.723 habitantes.

Ou seja, a cidade de Taubaté crescia, e a demanda por um local como o mercado fazia-se presente. Soto (2001) explica ainda que o abastecimento da cidade com produtos alimentícios era uma preocupação dos administradores, pois existia um receio das crises de carestia. Assim, foi determinado um lugar apropriado para que o comércio de gêneros alimentícios pudesse se instalar, e nesse local foi construído um barracão que abrigaria, em princípio, a “feira de domingo e depois um mercado municipal, onde se vendia toucinho, carne de vaca, milho, arroz socado e com casca, farinha de mandioca, feijão, carne de porco, ou seja, produtos que formavam a base da dieta alimentar” (SOTO, 2001, p. 120). No momento da implantação do mercado de Taubaté, esses estabelecimentos eram considerados entrepostos comerciais de alimentos (de meados do século XIX até a década de 1930), como mencionam Vargas e Silva (2020).

Com o passar do tempo, o mercado transformou-se em lugar de referência na cidade. Alguns anúncios de estabelecimentos comerciais apresentam o Largo do Mercado como endereço, o que podemos observar nas **figuras 3 (a) e (b)**, fato que nos leva a concluir que o mercado municipal, de fato, foi internalizado pelos cidadãos.

Figura 3: Anúncios de comércio, publicados no jornal local “O Liberal Taubateense”, publicado em 1888



Fonte: Nogueira (1888a; 1988b).

Em 1896, o “Almanach O Estado de S. Paulo” (GASPAR, 1896, p. 353) informava que o município de Taubaté possuía 45 mil habitantes, sendo que 12 mil moravam na cidade (27% do total). A cidade possuía sistema de iluminação a gás, “esplendido systema de canalisação de águas” e canalização de esgoto. O mercado figurava como um dos 15 prédios públicos de importância na cidade. Em 1905, Taubaté era definida como uma das cidades mais populosas do Estado de São Paulo e a mais importante da “zona norte” paulista (SOTO, 2001). Entretanto, um problema que atingiu todo o país também reverberou em Taubaté: doenças relacionadas à higiene pública.

Segundo Reis (2013), em 1880, registraram-se as primeiras reclamações quanto às condições higiênico-sanitárias e estruturais do mercado, incitando discussões entre os membros do legislativo, para aprovação de uma reforma urgente, que só foi estabelecida em 1913, quando se demoliu o prédio do Velho Mercado para início das obras do Novo Mercado. O Novo Mercado de Taubaté (**Figuras 4a e 4b**) foi inaugurado em 1915 e consistia em um projeto com 5 mil metros quadrados, oito

pavilhões internos e outros pavilhões externos, que cercavam a área destinada a cereais, frutas e hortaliças, farinhas, aves e administração (REIS, 2013).

Soto (2001, p. 191) esclarece que o novo mercado, inaugurado em 1915, direcionou-se à comercialização dos produtos dos lavradores locais e de municípios vizinhos, tendo sido excluídos os negociantes da cidade.

A ideia era favorecer a concorrência e abrir oportunidades para o pequeno produtor e vendedor em detrimento de atravessadores e monopólios, principais causadores das carestias e altos preços. Na mesma linha, premiavam-se os que vendessem carne de melhor qualidade ou mais barata, dispensando-os de pagar direitos no matadouro, reduziam-se os impostos dos pequenos comerciantes de gêneros de primeira necessidade, cereais por exemplo e, em geral, seguiu uma política de favorecimento dos que se comprometessem a ter sempre abastecido seu estabelecimento e por um preço menor (SOTO, 2001, p. 191).

Figura 4: Mercado Municipal de Taubaté, no dia da sua inauguração, em 1915 (a); e lembrança de sua inauguração (b)



Fonte: Prefeitura Municipal de Taubaté, 2018.

A cidade de Taubaté continuava vivenciando um intenso crescimento, conforme se observa na **Tabela 1**. Como mencionado, em 1896, 27% dos 45 mil moradores do município residiam na área urbana. Em 1934, a população urbana correspondia a 59,7% da população total. Essa taxa de urbanização cresceu em 1940, para 69%, mantendo-se estável em 1950 (67,8%). Esse crescimento populacional teve um rebatimento no território.

Tabela 1: Número de Habitantes do Município de Taubaté: dados populacionais censos de 1900 a 1950

Taubaté	1896	1900	1920	1934	1940	1950
Urbano	12.000	-	-	21.840	28.309	35.960
Rural	33.000	-	-	14.724	12.661	17.037
Total	45.000	36.723	45.445	36564	40.970	52.997

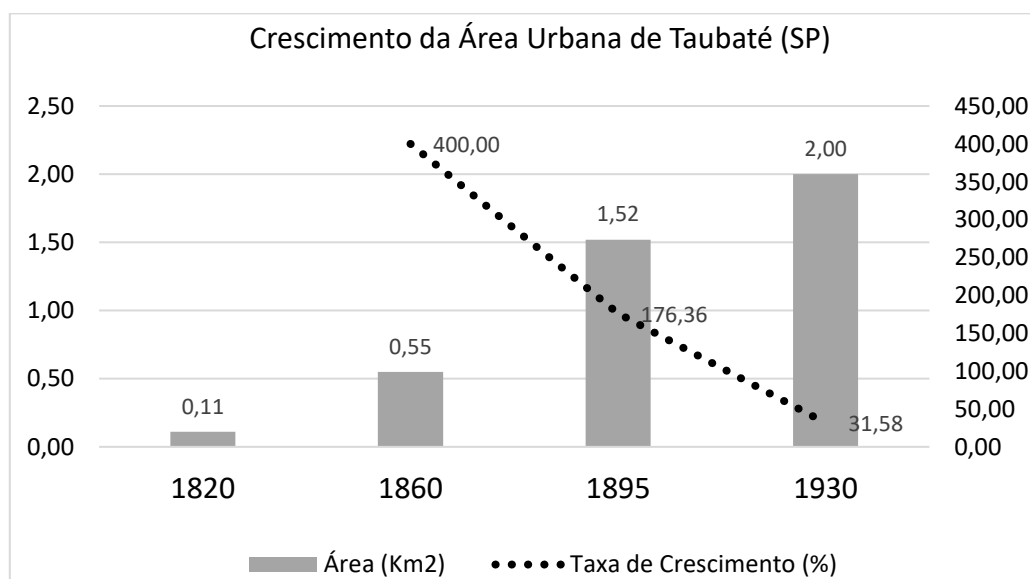
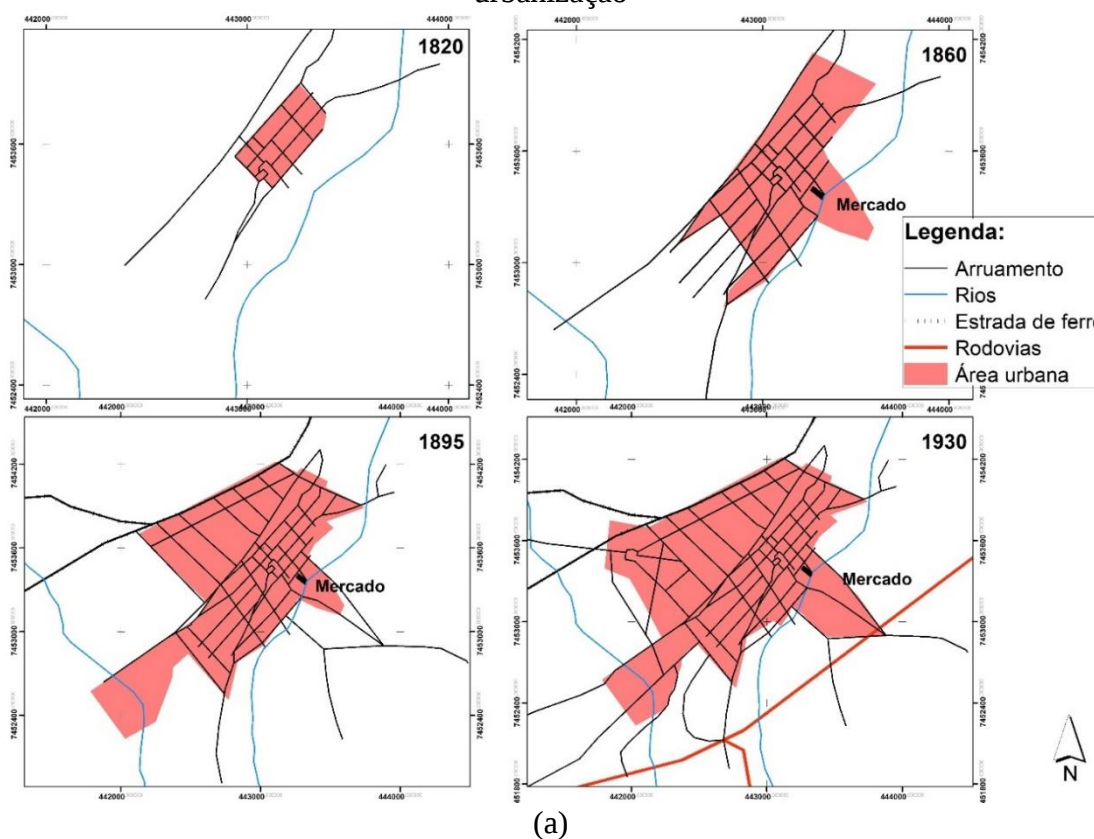
Fonte: Ricci, 2008.

Na **figura 5**, são apresentados mapas, em que se visualiza a área da cidade de Taubaté em diferentes momentos. Foi mapeado o local do mercado, para verificarmos sua localização em relação à área urbana e como ocorreu o processo de crescimento urbano, em relação ao mercado.

Pode-se perceber que a cidade, até 1820 (**Figura 5a**), quando o mercado ainda não existia, restringia-se ao núcleo original. Entre 1820 e 1860, a cidade cresceu em área, cerca de 400%, apesar de em termos absolutos ter crescido 0,44 km² (**Figura 5b**). Observa-se que nesse momento o mercado atraiu o desenvolvimento da cidade, talvez pela dinâmica urbana promovida pelo estabelecimento.

Vale registrar que o mercado foi instalado às margens do córrego do Convento Velho, para facilitar a sua limpeza e o seu abastecimento. Essa localidade, ainda no século XIX, era o caminho de acesso à vila/cidade de Taubaté, o que também explica o crescimento da cidade em sua direção. Esse córrego, aliás, foi o primeiro curso d'água a ser utilizado para o abastecimento da população, após a instalação do Mercado (CESAR JÚNIOR, 2013).

Figura 5: A Cidade de Taubaté em diferentes momentos: (a) os mapas produzidos, mostrando a área urbana entre 1820 e 1930; (b) gráfico que apresenta as áreas, em km², de cada ano, e a taxa de urbanização



Fonte: Cesar Júnior, 2013.

Motivada pela economia do café, a cidade cresceu, entre 1860 e 1895, 176,36%. Entretanto, nesse período, o crescimento é fomentado pela estrada de ferro, cuja estação foi inaugurada em Taubaté no ano de 1876 (FERNANDES, 2012). Sem dúvida, a estrada de ferro é um elemento importante no processo de estruturação de uma cidade, principalmente naquele período, quando a economia girava em torno da comercialização do café, e a ferrovia permitia o transporte de produtos e pessoas.

Entre 1895 e 1930, a cidade cresceu 31,6%, um ritmo muito inferior ao verificado anteriormente. Como a economia do café havia entrado em decadência, a cidade continuava a crescer, mas não mais nos ritmos dos outros períodos. Nesse momento, o mercado havia sido reestruturado e atraía um comércio de rua bastante intenso.

Para além da estrutura planejada nos “dias de feira”, normalmente aos finais de semana, as ruas ao redor do Mercado Municipal de Taubaté eram ocupadas por feirantes das cidades próximas. No início, essas feiras não possuíam estruturas para exposição dos produtos, sendo usadas lonas sob o chão (**Figuras 6a e 6b**). Há registros desse costume de ocupação dos arredores do mercado também no final da década de 1960. Nessa época, os comerciantes se alojavam em estruturas de barraca, muitos mantendo a sua localização até em dias da semana.

Figura 6: “Dia de feira” nos arredores do Mercado Municipal de Taubaté, em 1944



(a)



(b)

Fonte: Machado, 1944.

A ocupação do lugar do Mercado Municipal de Taubaté pelos feirantes se expandiu para além dos muros, o que exigiu ampliação da estrutura física do estabelecimento. A prefeitura optou na época pela construção de uma cobertura metálica, com estilo arquitetônico distinto do projeto original do prédio.

No final do século XIX, a cidade de Taubaté deu seus primeiros passos em direção à industrialização. Em 1891 foi inaugurada a indústria têxtil “Companhia Taubateana Industrial”.

A Companhia Taubateana Industrial foi fundada em 4 de maio de 1891 (...). A empresa tinha proporcionado emprego a muitas pessoas, introduzindo-as num estilo de vida associado ao âmbito urbano.

A cidade teria sido favorecida pela companhia ao ser aliviada de um problema social e, sobretudo, ao superar a crise advinda com o fim da produtividade dos cafezais, (...) Taubaté passou de uma “cidade morta” a uma “cidade viva” graças às

realizações da CTI, interpretada como sinal inequívoco de uma nova era de prosperidade (SOTO, 1996, p. 81).

Somente no decorrer do século XX, que o município entrou em uma nova fase econômica, conectada à industrialização. O mercado deixa de ser o core da cidade, que passou a crescer como resultado da industrialização. Entretanto,

Taubaté começou a experimentar o progresso e um crescimento populacional após a implantação da Rodovia Presidente Dutra, em 1950, que a transformou — assim como outras cidades situadas à margem da estrada — em corredor de acesso às principais capitais do Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro (OLIVEIRA; ASSIS, 2012, p. 115).

Entre 1920 e 1950, a população total do município de Taubaté cresce mais de 100%; e a população urbana, entre 1934 e 1950, aumentou 65%. A partir de então, observa-se que o crescimento da cidade, motivado por essa economia, urbana por natureza, vai alterar, inclusive, os padrões de consumo dos moradores urbanos. Um dos aspectos dessa transição, nesse momento, relaciona-se à importância do mercado municipal para os munícipes.

Nesse período, o mercado municipal de Taubaté já era uma referência regional, mas ainda apresentava uma estrutura deficitária, principalmente aos feirantes que não possuíam depósito para estocar seus produtos, e em dias de chuva sofriam com a água que invadia o mercado. Reis (2013, p.38) afirma que “as mercadorias tinham que ser suspensas. Com as inundações, o mercado ficava vulnerável ao lixo trazido pela água, assim como os ratos que buscavam abrigo”.

No ano de 1951, após algumas propostas de melhoria trazidas pelo prefeito, foi criado o cargo de Administrador do Mercado, de livre nomeação e provimento. No ano seguinte, o então prefeito Félix Guisard Filho sancionou a Lei nº 4, de 09 de abril de 1952, de autoria do vereador Omar Rangel, regulamentando as condições de funcionamento do mercado e das feiras livres na cidade de Taubaté (PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUBATÉ, 1952). São ações que demonstram a preocupação do poder público com o lugar do mercado no espaço urbano.

Assim, à medida que a cidade se reestruturava, o mercado assumia um novo lugar nesse espaço urbano. O mercado foi envolvido pela cidade, se tornou mais um ponto comercial, mas, fundamentalmente, manteve a sua essência e ajudou a conservar a identidade do lugar.

Registros fotográficos, até essa década, apresentam a comercialização de produtos alimentícios, sobretudo de hortifrúteis e aves vivas, além de fumo e antiguidades. Percebe-se que as mudanças na oferta dos produtos ocorreram, paralelamente, às transformações sociais e urbanas que, consequentemente, exigiam a adaptação contínua das estruturas físicas dos mercados municipais, como se pode perceber, por exemplo, com as alterações da fachada do Mercado Municipal de Taubaté.

Apesar de não ser o foco deste artigo, ressalta-se que, atualmente, há uma grande variedade de produtos ofertados no Mercado Municipal, que não se limitam aos produtos típicos da região, característica da dinâmica do mundo globalizado. O mercado oferta frutos de cada estação, como castanha portuguesa importada, avelã, macadâmia, cereja, damasco, entre outros. Das diversas regiões do Brasil, destacam-se: farinha d'água e artesanatos do norte; as ervas medicinais e o feijão de corda nordestino; frutas como o pequi, do centro-oeste; os queijos da cidade de Alagoa e a cachaça da região de Salinas, ambas do Estado de Minas Gerais, Região Sudeste; e os produtos do sul, como erva-mate e os vinhos das serras gaúchas. Essas variedades de produtos são reflexos de como o mercado, além de se constituir como um fenômeno econômico pela sua natureza das trocas mercantis, também se manifesta em termos de construção social e se estabelece como categoria sociológica. Também é possível observar a venda de produtos industrializados e não somente alimentícios.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi elaborado com o objetivo de apresentar uma discussão sobre as transformações ocorridas na cidade de Taubaté a partir do mercado municipal como elemento estruturador do espaço intraurbano, adotando-se uma perspectiva geo-histórica.

Os mercados municipais sempre se apresentaram como intermediadores entre o campo e a cidade, e entre cidades, por serem caracterizados como centros de comércio resultantes de cruzamentos de rotas comerciais. Os mercados auxiliaram na construção coesa da identidade cultural das cidades, por meio dos símbolos associados aos produtos, e possibilitam o intercâmbio e integração de símbolos e mercadorias vindos de fora da cidade à identidade do local.

Como representação de uma identidade do lugar, pode haver uma alteração do seu poder como patrimônio histórico, com risco de se transformar em um lugar com pouca conexão com as suas raízes culturais. No caso do mercado de Taubaté, observa-se que sua inserção à cidade foi imediata. Em um primeiro momento, a sua localização funcionou como atrator para o crescimento da cidade, não apenas porque o comércio que lá ocorria impulsionava a sua expansão, mas também por ser rota de acesso à região do Vale do Paraíba. Ao longo dos anos, se manteve como um importante centro de comércio local, o que facilitou a sua identificação com a população. Nos anos 1950, a cidade de Taubaté vislumbra a regulamentação do espaço do mercado, a fim de se adequar às normas de higiene sanitária e o estabelecimento de diretrizes que disciplinam o funcionamento e a administração desse espaço público.

Por fim, os mercados se adaptaram parcialmente à fase tecnológica. Atualmente os comerciantes divulgam seus produtos e serviços em redes sociais, mas vale relatar que o poder público das cidades em questão continua planejando intervenções na estética e arquitetura dos prédios e seus arredores, em vez de fazer um trabalho de revitalização arquitetônica. Essa negligência no tombamento da estrutura física desses prédios pode auxiliar no processo de fragmentação simbólica, desassociando os mercados da história das cidades e seu papel como intermediador de coesão cultural.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lidiane Aparecida; RIBEIRO FILHO, Vitor. Os Mercados Públicos e a Cidade: as transformações do Mercado Municipal de Uberlândia (MG). **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 12, n. 39, p. 209-225, 15 set. 2011. Mensal. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/rcg123916515>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16515>. Acesso em: 11 ago. 2023.

BASSANEZI, Maria Sílvia Casagrande Beozzo (org.). **São Paulo do Passado: Dados Demográficos** v. — 1890. Campinas: NEPO-UNICAMP, 1998. Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/censos/1890.pdf>. Acesso em: 24 maio 2022.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano: 2. Morar. Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CESAR JÚNIOR, Carlos Eugenio Monteclaro. **Conhecendo Taubaté: uma análise urbana**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2013.

FERNANDES, Suellen. Taubaté quer assumir prédio da estação ferroviária no centro. **G1 Vanguarda**, 30 ago. 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2012/08/taubate-quer-assumir-predio-da-estacao-ferroviaria-no-centro.html>. Acesso em 10 ago. 2023.

FERREIRA, Célia; MARQUES, Teresa; GUERRA, Paula. Feiras e mercados no Porto: velhos e novos formatos de atividade económica e animação urbana. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, [s. l], v. 1, n. 8, p. 75-102, 2015.

FRANÇA, Carolina Rebouças; REZENDE, Vera F. A permanência e o desaparecimento dos Mercados Municipais e feiras livres nos espaços urbanos centrais das cidades do Rio de Janeiro e de Salvador. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL URBICENTRO – URBIC, 3., 2012, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2012. p. 01-16. Disponível em: <http://www.ppgau.ufba.br/urbicentros/2012/ST225.pdf>. Acesso em: 30 maio 2019.

GASPAR, Francisco (org.). Taubaté. **Almanach: O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 352-354. jan. 1896.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000. Tradução de: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins.

LENCIONI, Sandra. O processo de metropolização do espaço: uma nova maneira de falar da relação entre metropolização e regionalização. In: SCHIFFER, Sueli R. (org.). **Globalização e estrutura urbana**. São Paulo: Hucitec e FAPESP, 2004.

MACEDO, Cleydiane Teixeira de. **Reconstrução e revitalização de espaço público em foco no Edifício do Yole Club de Regatas de Cachoeiro de Itapemirim-ES**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Repositório de Trabalhos de Conclusão de Curso, 2021.

MACHADO, A. **Dia de Feira**. Fotografia. 1944. Museu de Imagem do Som de Taubaté, Tomo 10975. Taubaté, 2018.

MARTINS, Valter. **Mercados Urbanos: transformações na cidade**. Campinas: Unicamp, 2010.

MARX, Murillo. **Cidade brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

MELO, Rodrigo Miguel Moreira. **Mercados Municipais: origem, património, desenvolvimento**. 2016. 239 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – FCTUC- Arquitectura, Coimbra, 2016.

MORE. **Mecanismo online para referências, versão 2.0**. Florianópolis: UFSC: Rexlab, 2013. Disponível em: <http://www.more.ufsc.br/>. Acesso em: 10 agosto 2023.

MÜLLER, Nice Lecocq. **O fato urbano na bacia do rio Paraíba: Estado de São Paulo**. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1969.

NOGUEIRA, Antônio Velozo (ed.). Formicida Capanema. **O Liberal Taubateense**. Taubaté, p. 4. 5 maio 1888a.

NOGUEIRA, Antônio Velozo (ed.). Cal de Pedra. **O Liberal Taubateense**. Taubaté, p. 4. 5 maio 1888b.

OLIVEIRA, Eliane Freire de; ASSIS, Francisco de. Na parede da memória: representações midiáticas da história de Taubaté-SP na imprensa. **Revista Ciências Humanas**, [s. l], v. 5, n. 1 e 2, 2012.

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. **A nova condição urbana: espaços comerciais e de consumo na reestruturação da cidade - Juazeiro do Norte/CE e Ribeirão Preto/SP**. 2018. 486 f. Tese (Doutorado em Geografia) - UNESP - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2018.

PINTAUDI, Silvana Maria. Os mercados públicos: metamorfoses de um espaço na história urbana. **Revista Cidades**, São Paulo, v. 3, n. 5, 2006, p. 81-100.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUBATÉ. COMTUR, Conselho Municipal de Turismo de Taubaté. **Caminhos de Taubaté**. Taubaté, SP: Departamento de Meio Ambiente, Turismo e Cultura, [s.d.].

PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUBATÉ. Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico de Taubaté. **Prédio do Mercado Velho construído em 1860**. fotografia. Coleção Correio Paulistano. Taubaté, 2018 a.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUBATÉ. Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico de Taubaté. **Prédio Reformado do Mercado Municipal (1915)**. fotografia. Coleção Correio Paulistano. Taubaté, 2018 a.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUBATÉ. Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico de Taubaté. **Lembrança de Inauguração**. fotografia. Coleção Correio Paulistano. Taubaté, 2018 b.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUBATÉ. Câmara Municipal de Taubaté. **Lei nº 4, de 9 de abril de 1952**. Regulamenta o funcionamento do mercado municipal. Taubaté: Câmara Municipal de Taubaté, Legislação online, 1952. Disponível em: http://camarasempapel.camarataubate.sp.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/HTML_IMPRESSAO/L41952.html. Acesso em: 14 out. 2022.

REIS, Hélio Monteiro dos. **Tanque da Aguada: a história do Mercado Municipal de Taubaté**. Taubaté: Gráfica Santuário, 2013.

REIS, Nestor Goulart. **Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via das artes, 2006.

RICCI, Fábio. A economia cafeeira e as bases do desenvolvimento no Vale do Paraíba paulista. **Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada**. [s. l], v. 1, n. 1, 2006.

RICCI, Fabio. **Vilas Operárias de Taubaté: um estudo introdutório**. 2008. 125 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Desenvolvimento Regional) – Universidade de Taubaté, Taubaté, SP, 2008.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SOTO, Maria Cristina Martinez. Indústria e transformações urbanas: Taubaté 1891/1942. **Revista de História**, [s. l], n. 135, p. 79-100, 1996. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i135p79-100. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18797>. Acesso em: 14 out. 2022.

SOTO, Maria Cristina Martinez. **Pobreza e conflito**: Taubaté - 1869-1935. São Paulo: Annablume, 2001.

VARGAS, Heliana Comin. **Espaço terciário**: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio. São Paulo: Editora Senac, 2001.

VARGAS, Heliana Comin; SILVA, Diego Vernille da. Revisitando o papel dos mercados públicos em São Paulo. **Arquitextos**. São Paulo, ano 20, n. 236.07, Vitruvius, jan. 2020. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.236/7620>. Acesso em: 17 out. 2022.

WEBER, Max. **Conceito e categoria da cidade**: O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.



Informações sobre a Licença

Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

License Information

This is an open access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which allows for unrestricted use, distribution and reproduction in any medium, as long as the original work is properly cited.